



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARINA MONTEIRO BERREDO REIS

**AMBIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SENSORIAIS NA PRAÇA FREI CAETANO
BRANDÃO: sob um direcionamento centrífugo e centrípeto do olhar.**

BELÉM/PA

2025

MARINA MONTEIRO BERREDO REIS

**AMBIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SENSORIAIS NA PRAÇA FREI CAETANO
BRANDÃO: sob um direcionamento centrífugo e centrípeto do olhar.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Pará,
como requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Luis de Jesus Dias da Silva
Universidade Federal do Pará

BELÉM/PA
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M772a Monteiro Berredo Reis, Marina.
AMBIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SENSORIAIS NA PRAÇA
FREI CAETANO BRANDÃO: : sob um direcionamento centrífugo
e centrípeto do olhar. / Marina Monteiro Berredo Reis. — 2025.
37 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Luis de Jesus Dias da Silva
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Instituto de Tecnologia, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Belém, 2025.

1. Ambiência. 2. Topofilia. 3. Frei Caetano Brandão. 4.
Percepção. 5. Etnografia Sensorial. I. Título.

CDD 725.9

MARINA MONTEIRO BERREDO REIS

**AMBIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SENSORIAIS NA PRAÇA FREI CAETANO
BRANDÃO: sob um direcionamento centrífugo e centrípeto do olhar.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Pará, como
requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

DATA DE APROVAÇÃO:

CONCEITO:

Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva
Orientador - FAU/ITEC/UFPA

Prof. Dra. Cybelle Salvador Miranda
Banca - FAU/ITEC/UFPA

Prof. Dra. Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo
Banca - FAU/ITEC/UFPA

BELÉM/PA
2025

Dedico esse trabalho ao meu pai, Pedro Augusto de Jesus Berredo Reis (*in memoriam*). Hoje és a minha maior saudade e és a minha mais bonita recordação. Ancorada na certeza do seu amor, inspirada pela infinidade da sua alma, estou dançando nos bailes da vida, como na canção do nosso cantor favorito, Milton Nascimento. Muito obrigada por tudo, muito obrigada por tanto, meu pai. Eu amo você.

AGRADECIMENTOS

Como fui agraciada com o Dom da fé, agradeço primeiramente a Deus. Me deu a vida, me deu alma, confiou a mim o meu caminho e agora estou aqui.

Agradeço a minha mãe, Dona Helenira, que acreditou e apostou nas minhas muitas escolhas. Mesmo cansando, ela foi incansável. Ela é ao mesmo tempo uma Marta, uma Maria e uma Amélia. Minha heroína. Ela, que veio de Colares, se tornou a rainha do nosso universo familiar.

Agradeço a minha irmã, Marília, que é e sempre será minha parceira de vida, minha inspiração, minha melhor amiga e confidente.

Agradeço a ele, meu amado pai, Pedro Augusto de Jesus Berredo Reis (*in memoriam*). Dele herdei o que há de melhor em mim. Ele que de tanto amar, se fez amável. Ele foi a minha escola. Minha universidade. Ele contemplava a vida enquanto eu o contemplava. Foi assim que eu me encantei pelo mundo, pelo brilho dos olhos dele.

Agradeço também ao professor Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva, meu orientador, pela paciência, orientação e pelo grande incentivo. Desde os ensinamentos da disciplina de Sociologia Urbana, passando pelo incrível aprendizado adquirido no Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia, LASSAM, onde pude iniciar meu aprendizado acerca das ambiências e por fim com a orientação deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a todos os meus amigos, mas em especial a Ana Carolina, Camila e João que sempre estiveram presentes me apoiando.

Por fim, agradeço a toda a minha família paterna e materna. Essa múltipla trama de colaborações foram de extrema importância para todo o meu desenvolvimento estudantil até aqui, guardarei todos na memória e no coração, sempre.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as ambiências da Praça Frei Caetano Brandão, localizada no centro histórico de Belém do Pará. A pesquisa apoia-se nos conceitos de ambiência e topofilia desenvolvidos por autores como Jean-Paul Thibaud, Yi-Fu Tuan e Juhani Pallasmaa, relacionando corpo, memória e percepção na experiência arquitetônica. A metodologia adotada foi de caráter etnográfico e quali-quantitativo, combinando observação direta e aplicação de questionários para registrar percepções, usos e significados atribuídos ao lugar pelos seus frequentadores. Os resultados indicam que a praça manifesta uma dualidade entre “lugar” e “não lugar”, conforme a teoria de Marc Augé. Para os trabalhadores que atuam diariamente em seu entorno, o espaço representa pertencimento e identidade, caracterizando-o como um lugar; já para os transeuntes e visitantes ocasionais, configura-se como área de passagem, com vínculos afetivos frágeis, caracterizando a praça, neste enquadramento, como um não lugar. Sendo assim, entende-se que compreender as ambiências da praça em questão é essencial para promover ações que resgatem seu caráter sensível, reforcem a memória coletiva e revitalizem sua função urbana.

Palavras-chave: ambiência; topofilia; etnografia sensorial; Praça Frei Caetano Brandão.

ABSTRACT

This work's main objective is to analyze the ambiance of Frei Caetano Brandão Square, located in the historic center of Belém do Pará. The research is based on the concepts of ambiance and topophilia developed by authors such as Jean-Paul Thibaud, Yi-Fu Tuan, and Juhani Pallasmaa, relating body, memory, and perception in the architectural experience. The methodology adopted was ethnographic and qualitative and quantitative, combining direct observation and questionnaires to record the perceptions, uses, and meanings attributed to the place by its visitors. The results indicate that the square manifests a duality between "place" and "non-place," according to Marc Augé's theory. For the workers who work daily in its surroundings, the space represents belonging and identity, characterizing it as a place; for passersby and occasional visitors, it is a transit area, with fragile emotional ties, characterizing the square, in this framework, as a non-place. Therefore, it is understood that understanding the ambiance of the square in question is essential to promote actions that rescue its sensitive character, reinforce collective memory and revitalize its urban function.

Keywords: ambiance; topophilia; sensory ethnography; Frei Caetano Brandão Square.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estátua de Frei Caetano Brandão, Belém-PA.....	15
Figura 2 - Mapa do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça Frei Caetano Brandão.....	18
Figura 3 - A praça segundo o Google Maps, Belém-PA.....	20
Figura 4 - Mapa de ocupação da Praça Frei Caetano Brandão.....	24
Figura 5 - Praça Frei Caetano Brandão, Belém-PA.....	25
Figura 6 - Com qual objetivo você frequenta a praça?.....	28
Figura 7 - Como você se sente com relação ao entorno da praça?.....	28

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Fundamentação teórica	
2.1. Ambiências e percepção sensível.....	12
2.2. Topofilia, o corpo e a memória na experiência urbana.....	14
3. A Praça Frei Caetano Brandão: entre o passado e o presente.....	17
4. Metodologia: o caminhar e o perceber.....	20
5. Resultados e discussões.....	21
5.1. Visada centrífuga.....	22
5.2. Visada centrípeta.....	23
6. Entre relações teóricas e dados: interpretações críticas.....	26
7. Considerações finais.....	29
8. Apêndices	

1. Introdução

Registrar as ambiências de um lugar histórico é um desafio bastante significativo enquanto importância e complexidade, a importância advém da necessidade de salvaguardar além do ambiente físico, o aspecto sensível ou humanizado do lugar arquitetônico, que só é identificado através do registro da sensorialidade percebida pelos frequentadores. Para além e por meio do registro da ambiência em estudo, pode-se resgatar e requalificar ambiências passadas que contemplaram o ambiente ao longo do tempo, trazendo à tona a percepção holística que essa partícula de Centro histórico tem a oferecer para a salutar memória social da cidade e cultura do lugar sendo esse estudo compatível com o pensamento de Bartolomeu Queirós (2009), uma vez que “refletir sobre a cultura é refletir sobre a nossa dimensão de sujeito no mundo. A cultura surge quando o homem não quer se sujeitar ao mundo, mas quer ser sujeito dele”. Com isso, constata-se a relevância dos trabalhos voltados para a análise da sensorialidade presente nos lugares, tendo este como ponto focal a Praça Frei Caetano Brandão.

O fundamento que motivou a realização desse projeto de pesquisa foi a premissa de conhecer, para valorizar e, quando adequado, por meio da reflexão que possa redundar em novos debates, em políticas públicas e/ou levantar proposições que poderiam contribuir para o melhoramento do espaço em questão. Sendo assim, se mostra relevante por esclarecer, de forma embasada, refletida, clara, por meio da pesquisa teórica, pesquisa de campo para coleta de dados e da etnologia, um enquadramento do atual cenário das ambiências existentes na praça Frei Caetano Brandão, pertencente ao centro histórico de Belém.

O objetivo inicial geral do projeto de pesquisa é o de investigar sensorialmente as ambiências da Praça Frei Caetano Brandão, de modo holístico e histórico e sensorial do local, captando também suas percepções etnográficas. Em tópicos, foram subdivididas em três etapas o processo de pesquisa:

Perceber a Praça Frei Caetano Brandão foi um desafio marcado por muitas ambiguidades. Intelectualmente curioso e familiar, corporalmente agradável, restaurador, vulnerável e inquieto. Com esses adjetivos, levantou-se o questionamento: que memória se tem sobre o que a praça foi no passado? Em quem seria possível ancorar as percepções obtidas? Qual seria, atualmente, um diagnóstico da ambiência da praça?

Toda pesquisa necessita inicialmente de um bom referencial teórico que venha dar o devido suporte ou embasamento científico aos seus propósitos, e, nesse sentido, este Projeto de Pesquisa utilizará várias obras de autores como Yi Fu Tuan, Jean-Paul Thibaud, Juhani Pallasmaa, entre outros, sobre os temas mais específicos que se pretende aqui adentrar, como antropologia urbana, percepção do ambiente, sensorialidade, subjetividade na arquitetura e no urbanismo, cultura, dentre outros temas presentes na espacialidade da praça.

O modo de execução do Projeto de Pesquisa no campo, foi eclético quanto a variedade de técnicas, métodos, entrelaces de métodos, ferramentas diversificadas, como a descrição etnográfica a partir da observação. Ademais, foi utilizada a técnica de aplicação que um questionário feito com os frequentadores de forma presencial e também por meio da ferramenta google forms, que permitam a investigação e a coleta de dados, em função das situações específicas nas quais a pesquisa se depara em cada segmento por onde for direcionada, sendo no caso do presente plano de trabalho desenvolvido, o Centro Histórico.

Debruçar a atenção sobre um lugar, percebê-lo e aprendê-lo de forma multifacetada é um desafio complexo, mas possível de ser conquistado. A estratégia utilizada para a composição do estudo que culminou com o corpo da pesquisa foi o da apreensão etnográfica vinculada com a arrecadação de informações pertinentes na modalidade quanti-qualitativa, ou seja, uma pesquisa que mescla a abordagem quantitativa e a abordagem qualitativa. Com a união de ambos os métodos, foi possível extrair um diagnóstico da ambiência urbana presente no espaço que contempla a Praça Frei Caetano Brandão.

Sendo assim, uma das ênfases principais do processo de pesquisa foi absorver e refletir sobre as incursões etnográficas feitas no Lugar. A apreensão etnográfica buscou absorver a atmosfera da praça, percebendo múltiplas sensações motivadas por diferentes fatores. As visitas foram diluídas entre abril de 2024 e julho de 2025. Em dias úteis e fins de semana com duração entre 30 minutos a 1 hora e meia. De acordo com o dicionário, a palavra etnografia tem um significado que resume todos os esforços empreendidos no presente trabalho.

“1.um estudo descritivo de um ou mais aspectos sociais de e culturais de um povo, grupo social, etc. 2.Atividade de obtenção e elaboração de dados, em pesquisa de campo antropológica”. (Ferreira, p.300. 2001)

Ademais, é importante ressaltar que, em determinado momento, o texto será escrito em primeira pessoa do singular, como recurso explicativo para narrar as incursões etnográficas realizadas pela autora.

O artigo está estruturado em sete partes. A primeira é esta introdução. A segunda apresenta uma breve fundamentação teórica acerca das ambiências e da percepção. A terceira expõe aspectos da memória da praça Frei Caetano Brandão. A quarta descreve a metodologia do caminhar e do perceber. A quinta contempla os resultados das incursões etnográficas, pesquisas de campo e os resultados obtidos. E a sexta apresenta as considerações finais. Também há um apêndice que apresenta as referências bibliográficas que balizaram o desenvolvimento do trabalho em questão.

2. Fundamentação teórica

2.1. Ambiências e percepção sensível

Compreender a ambiência de um lugar exige que a compreensão acerca de um lugar vá além de um simples olhar ao redor, segundo Duarte *et all* (2022), é necessário estudar a construção subjetiva e cultural do espaço, pois as ambiências aglomeram todo o universo espacial existente, como as formas físicas edificadas, as experiências sensoriais existentes, além da dinamicidade social que existe no ambiente.

Nessa perspectiva, é possível deduzir que são necessárias múltiplas metodologias para se identificar e compreender as relações entre o corpo, o espaço e a percepção. Assim, as pesquisas bibliográficas, as incursões etnográficas e a pesquisa quali-quantitativa foram os meios utilizados para compreender as ambiências presentes na contemporaneidade da praça.

De acordo com Thibaud (2018), a ambiência pode ser compreendida como uma forma de experienciar um conjunto de situações inscritas em um lugar, onde o indivíduo se encontra simultaneamente imerso em dimensões sensíveis, materiais e sociais. Para se realizar essa ação, Duarte *et all* (2022) sinaliza que a importância da presença do indivíduo no lugar de onde se deseja identificar e qualificar a ambiência. Com isso, fundamenta-se a opção de escolha da utilização do método etnográfico para o desenvolvimento do estudo, pois verdadeiramente, assim como Thibaud e Duarte *et all*, as afirmações anteriormente feitas foram validadas.

Para Silva (2021) um lugar pode ser pesquisado como sendo um fenômeno passível de percepção de vários dos seus atores, o que poderá implicar em interpretações e até análises múltiplas, quais poderão dar maiores subsídios para tal atendimento a contento. Aplicada ao estudo em questão, essa afirmação esclarece a capacidade da praça em revelar as peculiaridades das vivências que ela mesma oferece aos seus visitantes, sendo elas múltiplas e causadas por diferentes estímulos e interpretadas por distintas personalidades.

Sendo assim, Thibaud (2018) reforça que a percepção não é um ato isolado, mas um processo situado nas condições concretas do espaço e considera a percepção como um dos principais fatores para as ambiências:

“A ambiência nos coloca de imediato em contato com a globalidade de uma situação [...]. Um tal argumento conduz a afirmar que a percepção não está dissociada das condições concretas a partir das quais ela acontece. Ela está necessariamente encaixada em dispositivos construídos (edificações), em qualidades ambientais (fenômenos sensíveis) e ações em curso (atividade prática) que a tornam possível. Em suma, na vida cotidiana, quando eu percebo, estou sempre em algum lugar, exposto àquilo que me circunda e fazendo alguma coisa. [...] Portanto, não se trata somente de reconhecer esta heterogeneidade de condições da percepção, mas de se perguntar como se opera a integração destes diversos fatores nas situações de todos os dias.” (Thibaud, 2018)

Essa concepção reafirma a percepção sensível como elemento essencial para a compreensão das ambiências, na medida em que articula as dimensões arquitetônicas, ambientais e sociais do espaço urbano, além de argumentar em favor do desvendar de suas características peculiares. A ambiência, portanto, surge como uma totalidade que envolve todo o universo inscrito no lugar. Ela se utiliza da paisagem, das pessoas em conjunto com seus comportamentos e da organização espacial encontrada nos cenários urbanos para existir e se deixar ser apreendida.

Em especial, trazendo a integração da relevância do tema para a sociedade contemporânea, recebendo o suporte dos sentidos e das ciências sociais, o estudo das ambiências entra em consonância com um enfoque pragmático de sua relevância e uso, pois consegue abrolhar formas de racionalizar o espaço a partir da identificação das ambiências existentes, concorrendo assim para a condução do ambiente em direção ao melhoramento do ambiente público. Thibaud (2012) observa que:

“A natureza prática da noção de ambiência, por sua habilidade de conduzir a outras perspectivas e de prenciar novas modalidades de ação não é nada menos do que passar de um saber contemplativo a um saber prático, que faz do conhecimento um campo de experimentação ao invés de representação. Ao colocar a experiência sensível no centro das questões do meio ambiente urbano, essa ecologia pragmática demanda uma prática experimental do saber e uma revalorização da criatividade do agir’ (Thibaud, 2012)

Dessa forma, se compreender que a ambiência significa reconhecer a correlação entre o sensível e o social, e admitir que o conhecimento sobre o espaço urbano se constrói pela articulação entre o olhar analítico e a vivência prática. É nesse entrelaçamento — entre o perceber físico, sensorial, individual e o coletivo — que se formam as ambiências urbanas, revelando o modo como os lugares são habitados, significados e ressignificados na vida cotidiana.

2.2. Topofilia, o corpo e a memória na experiência urbana

Adentrando no universo da praça, ao seguir percorrendo as questões vivenciadas no sítio urbano, parte-se em considerar o afeto que os moradores/trabalhadores têm com ela. De um modo geral Yi Fu Tuan, em Topofilia, aborda diversos aspectos que influenciam na relação afetiva das pessoas com os lugares e a diferença de como os lugares foram percebidos ao longo do tempo. “O lugar dá e recebe sentido, ele comunica e admite caracterizações verbais e físicas, oriundas da percepção do espaço, sendo elas as respostas dos sentidos aos estímulos externos” (Tuan, p. 4). A topofilia expressa, portanto, o sentimento de apego, pertencimento e identidade que se estabelece entre o ser humano e o meio em que vive.

É relevante notar que, embora Tuan não utilize o termo “ambiência”, há convergência entre os dois conceitos. Assim como nas ambiências, os vínculos topofílicos são construídos por meio da percepção sensorial. Os sentidos são comunicados sendo um meio de perceber e absorver o que o mundo comunica em unicidade, mesmo sendo apreendidos de forma separada pelos sentidos da visão, do tato, do olfato e da audição que compõem um processo de expansão e contração da percepção, onde os estímulos chegam, são percebidos e condensados em percepções boas, ruins, instigantes, intimidadoras, entre outras adjetivações.

Em Pallasmaa, a análise da percepção aponta grande similaridade com o conceito da topofilia pois também abrange a dimensão sensorial no processo de apreensão do espaço, além de trazer a pauta da afetividade que se estabelece entre as pessoas e um espaço. Dentre

os conceitos que tratam do elo afetivo estabelecido com o lugar, a memória é qualificada como um requisito de grande importância: "A memória também é o terreno da identidade pessoal: somos o que lembramos" (Pallasmaa, 2018, p.16). Nesse sentido, entende-se que os espaços característicos de uma cidade sinalizam e se configuram como um alicerce na constituição de uma identidade. Seus signos, como a estátua, o desenho dos passeios, a paisagem do entorno e a atmosfera existente em seu interior corroboram e fortalecem a identidade e a afetividade, relacionando a topofilia delimitada por Tuan e relacionado com Pallasmaa.

Figura 1 - Estátua de Frei Caetano Brandão, Belém-PA.



Fonte: A autora, 2025.

Ademais, ele adiciona a pauta sensorial proposta como item indispensável para o relacionamento e construção do afeto entre a pessoa e o lugar, que aglutina-se com o conceito de memória em seu livro, intitulado de Essências, relacionando essa concepção com a frase "nosso espaço existencial nunca é um espaço pictórico bidimensional, e sim um espaço vivenciado e multissensorial saturado e estruturado por memórias e intenções." (Pallasmaa,

2018,p.20). Essa afirmação reforça a interdependência entre percepção sensível, afeto e memória como pilares para a formação da ambiência e da topofilia.

O recorte feito ressalta a qualidade absorvida na percepção da ambiência e o quanto que os recursos que ela utiliza, como a afetividade e a percepção pela sensorialidade, são relevantes para o se pensar e apreender o lugar. Nesse contexto, o ambiente construído é ressaltado por ser o molde, ou o cenário em que a percepção irá ocorrer: “A arquitetura não trata meramente da disciplina acadêmica da arquitetura, ela está enraizada em nossa experiência de estar no mundo” (Pallasmaa, 2018, p.72)

Ao discorrer sobre a topofilia que existe entre o agricultor e o campo, aquele que tem uma relação íntima com a terra por retirar dela os recursos diretos de sua sobrevivência, Tuan (1972) fala da necessidade de o homem ver dignidade e um sentido nesse vínculo necessário. Conectada a essa perspectiva, consegue-se criar um paralelo entre o sentido do estudo das ambiências e do habitar a praça, que pode ser acrescido e fomentado, com o incentivo histórico existente em seu conjunto arquitetônico adjacente e paisagístico. Adornada com o conjunto ofuscante do Feliz Lusitânia, o largo oferece em si um respiro tátil moldando na terra um lugar, uma praça jardim que oferece luz, sombra, vento, calor e um traçado serpenteante e concêntrico para caminhadas restauradoras.

A estátua de Frei Caetano que caracteriza a identidade da Praça é um chamado para memória existente da narrativa urbana do desenvolvimento urbano, conectando o morador com a história da cidade em que sua vida está inscrita. Um exercício de identidade social. Uma possibilidade de criação ou expansão de uma relação afetiva que justifica a visita e a vivência no lugar. Para o autor, há uma análise similar, demonstrada quando ele analisa a topofilia e o meio ambiente pela óptica da familiaridade e da afeição.

“ A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A retórica patriótica tem dado ênfase às raízes de um povo. Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumentos na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o sol.[...] A história é responsável pelo amor à terra natal.” (Tuan, p.114-115, 1974)

Somada a esse ponto de vista, cita-se o comentário do escritor de prosa-poética mineiro, Bartolomeu Campos de Queirós, que diz: “a cultura surge quando o homem não quer se sujeitar ao mundo, mas sim ser sujeito dele”. Alinhando as visões de Tuan e Queirós,

percebe-se que o nome e o monumento em homenagem a praça, para além de suas qualidades lúdicas, são úteis como mantenedoras de uma memória local para os habitantes da cidade.

Por fim, é interessante perceber a perspectiva do autor com a veracidade sensorial percebida nas incursões etnográficas. “Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa” (Tuan,p.12), nesse trecho, se entende a amplitude de recursos oferecidos pelos lugares e compreende-se que por meio da pesquisa etnográfica que busca compreender a ambiência de um lugar, estar atento, de corpo presente, é um exercício de completude corpórea e intelectual e capaz de esclarecer muitas perspectivas acerca do lugar. Esses fundamentos teóricos consolidam o entendimento de que as ambiências urbanas são formadas pela interação entre o sensível e o social. A partir desse olhar, compreender a Praça Frei Caetano Brandão implica revisitar sua história e as memórias que sustentam sua identidade e participam da formação da memória de quem a visita.

3. A Praça Frei Caetano Brandão: entre o passado e o presente

Rememorar o passado que envolve a atmosfera da praça é um exercício de familiarização com a cidade de Belém, a clareira envolvida pelas edificações importantes para a construção da cidade foi se configurando gradualmente ao longo de três séculos de história. De início o espaço se configurava em um largo, que teve o nome alterado com o passar do tempo, sua primeira denominação foi de Largo da Matriz, por estar nos arredores do lugar em que os portugueses escolheram para construir a igreja Matriz da cidade, nas proximidades do Forte do Castelo, onde a cidade obteve sua gênese histórica em 1616. Nesse espaço, em meio a sociedade colonial, haviam acontecimentos de motivações diversas, como a celebração de festas religiosas e castigos físicos às pessoas que eram escravizadas. Assim como pontuado no trecho "Foi assim que estabeleceram do lado externo, para uso popular, a ermida de nossa senhora da graça. Nessa clareira, com destaque, ergueram no meio do descampado que seria o futuro largo da matriz o símbolo do poder punitivo da coroa: o pelourinho." (Soares, p.60, 2009), onde a autora discorre sobre essa parte do percurso histórico da praça.

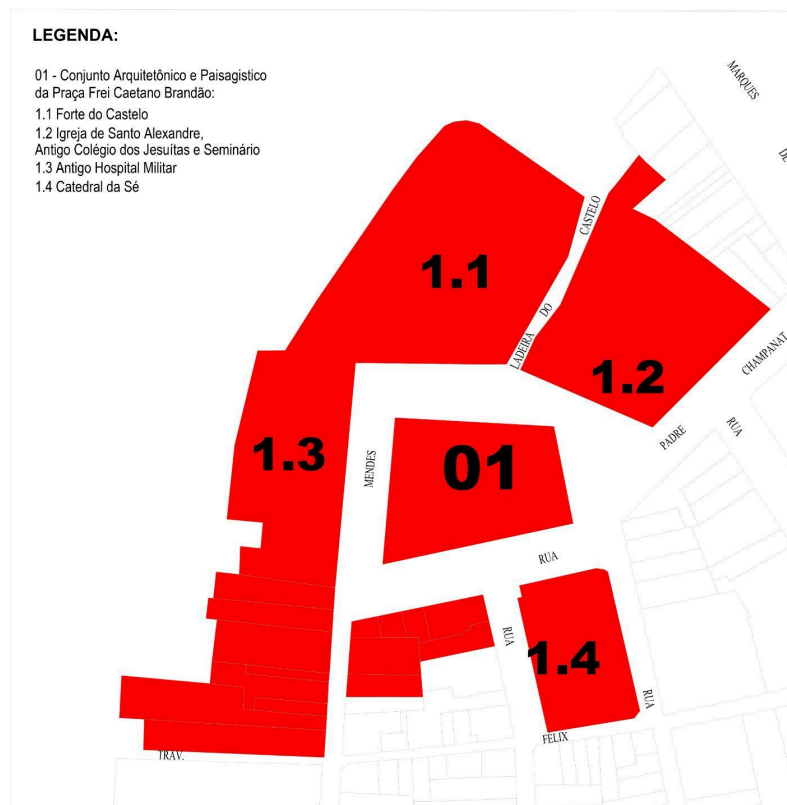
Posteriormente, tornou-se o Largo da Sé, pois após a queda da construção da primeira igreja construída, em 1723, iniciou-se a edificação da Igreja Nossa Senhora das Graças, hoje, Catedral Metropolitana de Belém, a Igreja da Sé.

A nomenclatura de largo precede a de Praça. De início, o termo - largo - sinalizava de forma mais adequada o sítio situado no coração do atual Complexo Feliz Lusitânia, por conta da sociedade colonial da época, e só obteve sua alteração após a proclamação da república brasileira, muito influenciada pela Revolução Francesa, passando a se chamar praça. Tal afirmação, baseia-se também no livro *Largos, Coretos e Praças de Belém*, com o excerto "O largo representava, segundo o conceito urbanístico português, o espaço amplo e descampado que o tempo se encarregava de envolver com prédios, em sua maioria de grande representatividade para a cidade" (Soares, p.71, 2009).

No século XIX, o largo se tornou praça e recebeu o nome de Dom Frei Caetano Brandão (ver figura 01) , para homenagear e exaltar a memória do religioso que foi o quarto bispo do Estado do Pará, além de, de acordo com Miranda (2015) também construiu o hospital Hospital Bom Jesus dos Pobres . Com isso, recebeu uma estátua de Frei Caetano , no ano de 1900, desenvolvida por Enrico Quatrinni e desenhada pelo pintor italiano Capresi.

Sendo a praça local de passagem que conecta espaços e edifícios, e também lugar de descanso, memória e contemplação. Tombado pelo Iphan em 1964 sob a denominação de "Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça Frei Caetano Brandão", abrange desde o antigo largo da Sé às construções que delimitam seu perímetro, definindo sua morfologia e constituindo sua moldura histórica.

Figura 2 - Mapa do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça Frei Caetano Brandão.



Fonte: Desenho sobre Mapa da Área De Entorno De Preservação de Bens Imóveis Tombados pelo IPHAN - BELÉM, Cedido por IPHAN.

Essa cena urbana reforça a centralidade do antigo largo como núcleo de fundação da cidade; e nesse sentido, uma primeira ambiência deste núcleo se destaca: a que legitima a história do lugar pela memória, reafirmada nas materialidades históricas preservadas. Portanto, tem-se o inegável registro de ambiência da paisagem, definida na composição tempo, espaço e homem.

“As estruturas da cidade capturam e preservam o tempo do mesmo modo que as obras artísticas e literárias. Os edifícios e as praças nos permitem retornar ao passado e experimentar o lento ritmo curativo da história.”(Pallasmaa, 2017, p.53)

Nos anos 1990, a praça foi reformada em uma ação financiada com os recursos disponibilizados pelo ¹Programa Monumenta, com o início da execução de um conjunto de obras no núcleo de fundação da cidade, realizado pelo Governo do Estado, denominado “Complexo Feliz Lusitânia”. Após a reforma, tornou-se um dos mais representativos cartões postais da capital paraense, e a Praça, por estar em sua área central, elevou sua visibilidade

¹ O Programa Monumenta foi um programa governamental que empreendeu ações para preservação do patrimônio histórico e cultural brasileiro, executado entre 2000 e 2009.

compondo esse cenário. Segundo (Miranda, p. 14 , 2006), o Complexo Feliz Lusitânia é tratado como uma das características principais do “Novo Pará”, pois ‘integra uma linha de ação voltada para o desenvolvimento do estado e elevação da auto-estima da população paraense através da valorização de nossa ‘cultura’’. Nesse contexto, como parte de seu entorno, o antigo hospital militar passou por uma restauração, com a reconstituição de sua fachada conforme projeto original do século XVIII, sendo adaptada em museu e restaurante. As igrejas foram preservadas, sendo a de Santo Alexandre e o antigo colégio adaptados em museu de arte sacra; enquanto o forte do presépio recebeu a implantação do museu de fundação da cidade.

4. Metodologia: o caminhar e o perceber

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem etnográfica e sensível, orientada pela observação direta, pela escuta atenta e pelo envolvimento perceptivo com o espaço urbano. Articulou-se assim três formas de análise, a etnográfica, a sensorial e a analítica. Inicialmente, de acordo com Silva (2021) a etnografia investiga o outro, seus costumes, sua cultura, modo de ser e de agir diante do mundo, nesse sentido, o método foi utilizado para registrar a parte da ambiência referente a observação do cenário e dos atores existentes no lugar escolhido. Assim, as idas a campo foram concebidas como momentos de imersão, onde o olhar, o ouvir, o sentir e o caminhar se tornaram instrumentos de leitura.

Inspirada nas reflexões dos autores Thibaud e Pallasmaa, possibilitou-se perceber de forma intencional tanto as dimensões visuais da praça quanto sua densidade sensorial, capacitando a análise a níveis mais profundos da percepção do lugar. Nesse sentido, tomou-se partido das perspectivas absorvidas nas leituras para que o espaço arquitetônico em questão fosse melhor apreendido e guiado, assim como no escrito a seguir:

“A arquitetura inicia, direciona e organiza o comportamento e o movimento.

Uma edificação não é um fim por si só; ela emoldura, articula, estrutura dá importância, relaciona, separa e une, facilita e proíbe. [...] O espaço arquitetônico é um espaço vivenciado, e não um mero espaço físico, os espaços vivenciados sempre transcendem a geometria e a mensurabilidade.” (Pallasmaa, 2011, p.49)

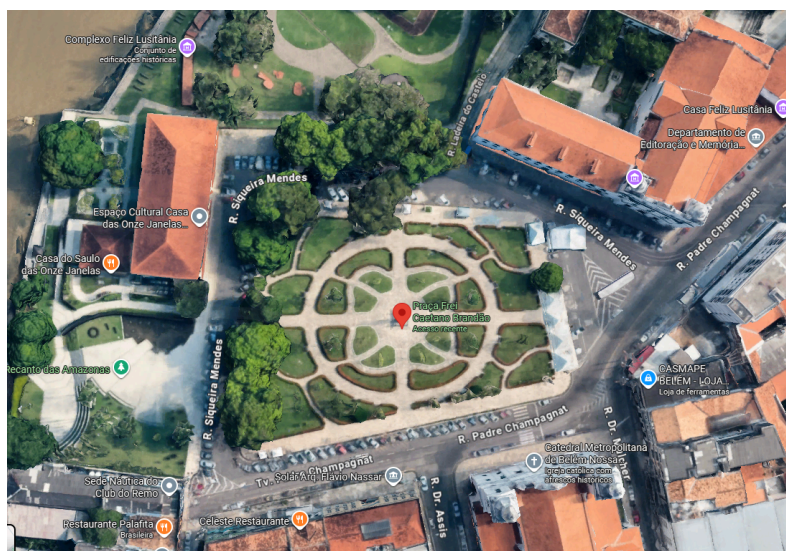
Por fim, adotou-se o método misto quali-quantitativo. O método quantitativo dos questionários permitiu mapear frequências de uso, horários de maior permanência e perfis dos frequentadores, enquanto a análise qualitativa dos relatos revelou emoções e sensações dos

frequentadores, as quais foram vinculadas, principalmente, com os conceitos de lugar e não lugar propostos por Marc Augé.

5. Resultados e discussões

Segundo o Google Maps, a praça é um quadrilátero de duas ruas, a Rua Siqueira Mendes e a Rua Padre Champagnat. Entre casarões históricos, o Forte do Castelo, o Museu de Arte Sacra em conjunto com a Igreja de Santo Alexandre e a Catedral da Sé Igreja de Nossa Senhora das Graças encontra-se o objeto da incursão etnográfica, embora nas placas esteja escrito PFCB. Olhando para fora, olhando para dentro. Fazendo uso dos conceitos análogos da física de força centrífuga (que se direciona para fora, de forma divergente) e de força centrípeta (que se direciona para dentro em um movimento convergente), busquei registrar e condensar neste tópico, as diferentes percepções apreendidas nas visitas em campo realizadas. Olhando aos arredores, nas edificações que compreendem o Complexo Feliz Lusitânia e o seu centro, a Praça Frei Caetano Brandão, para que se possa compartilhar com amplitude a paisagem que a praça oferece, coexistentes no mesmo lugar a praça e o seu entorno imediato.

Figura 3 - A praça segundo o Google Maps, Belém-PA.



Fonte: Google Street View, 2023.

Novamente, assim como citado na introdução, por se tratar de uma etnografia, os próximos dois tópicos, 5.1 e 5.2, foram escritos em primeira pessoa do singular.

5.1. Visada centrífuga

Iniciando a caminhada pela Rua Padre Champagnat, em frente a Catedral Metropolitana de Belém Nossa Senhora da Graça, foi notado um clima sério e de reverência ao avistar a entrada da catedral, no momento não estava havendo celebração de missa, mas se percebia alguns poucos fiéis em oração no interior da igreja. Nesse momento, por estar consciente da necessidade de perceber o lugar, aguicei o sentido e notei um singelo aroma de incenso, os de uso comum nas celebrações religiosas, que resgatou ainda mais a percepção do sagrado que ao mesmo tempo lança um enfoque delimitador de um fé filial nos expande em uma fé que assegura uma salvação no âmbito da eternidade. Foi interessante perceber isso da calçada da praça, sob o horizonte aberto, vislumbrando a catedral clara com o interior esplendoroso, mas delicado, contrito e devoto.

Seguindo na caminhada, avistou o Solar Arquiteto Flávio Nassar, edificação restaurada em um tom de rosa com esquadrias emolduradas por um tom de branco. A obra recebida propôs um ar de modernidade mesmo mantendo as características originais do antigo casarão, como a altura da fachada e os guarda corpos das janelas em metal, logo em seguida avistou o restaurante celeste que mesmo fechado, propõe um ar elegante pela estética bem cuidada da fachada da edificação. Nesse momento, poucas pessoas estão em trânsito na rua. Mais adiante, me encaminhando em direção ao fim da rua Padre Champagnat percebo uma abrupta mudança na qualidade do tratamento dos imóveis históricos, os dois imóveis que antecedem o fim da rua carregam, assim como nas outras edificações, as características peculiares do período colonial, entretanto a qualidade do tratamento dado às fachadas é menos presente, agregando ao ambiente um ar menos cuidadoso .

Adentrando na Rua Siqueira Mendes, o azul escuro do casarão que abriga a sede náutica do Clube do Remo contrasta, nas manhãs, com o tom claro de azul que se abre ao ângulo de visão. A entrada do Recanto das Amazonas abre-se como uma clareira com uma riqueza de textura que ao se ver se sente. O azul intocável do céu, a textura da correnteza do rio que mescla o reflexo do sol com a tonalidade barrenta das águas, o verde da grama, o chão e concreto e pedras portuguesas e a maleabilidade do metal nos guarda corpos. A presença de pessoas se torna, nesse enquadramento mais adensada, contemplando casais, famílias com crianças pequenas e turistas. Nesse ínterim, segue-se percebendo o amarelado da casa das 11 janelas, com mais presença de turistas, estacionamento lotado de carros, guardas fardados fazendo a segurança privada da edificação, além de alguns frequentadores do restaurante Casa

do Saulo, situado no prédio, além de guardadores de carro, os ‘flanelinhas’. Nesses cenários, a percepção se multiplica com mais atores sociais convivendo nas paisagens, sendo suas presenças motivadas por diversos estímulos, o lazer -, de formas mais ou menos dispendiosas - e o trabalho - formal ou informal - configuram uma ambiência rica e múltipla.

Concluindo o trajeto sob a perspectiva exterior de observação, muda-se o ângulo da caminhada, mas se permanece na mesma rua, Siqueira Mendes, onde se desvenda a imponente edificação do forte do castelo, com sua área delimitada robusta mureta e pórtico imponente do Portal do Aquartelamento, a faixa de grama, e ao fundo a entrada do forte do presépios, em todas as visitas sempre repleto de visitantes é o local mais pulsante do universo em questão. O porvir é composto da Rua da Ladeira do Castelo, viva e também pulsante, esteve em obras na maioria das visitas, entretanto na última oportunidade que tive de visitar, estava concluída, com a vista permeável até a feira do açaí, sendo em si um ponto focal de percepção e atraindo o público para a caminhada e o registro de fotografias.

Por fim, ao caminhar para a frente do Museu de arte sacra e Igreja de Santo Alexandre, notei a diminuição da quantidade de pessoas e de carros estacionados. Nessa calçada, há poucas árvores para fazer sombreamento, dando destaque a monumentalidade do prédio, mas tornando esse microclima mais hostil para se caminhar. A agressividade climática me fez mudar de calçada, olhar para trás e perceber os deslocamentos mínimos que ocorriam de pessoas seguidas na rua ou entrando no museu, belo e imponente no enquadramento visual.

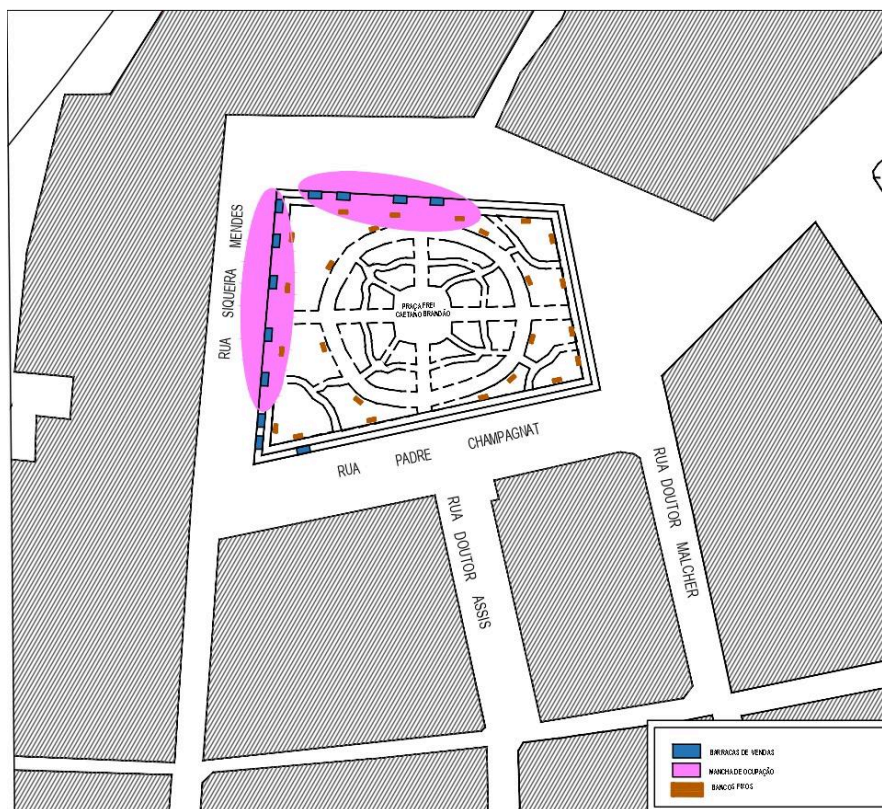
5.2. Visada centrípeta

A priori, tecendo os comentários pela estrutura morfológica da praça, o cenário encontrado ao avistar a praça adentrando nos caminhos orgânicos delimitados sob o piso em pedra é agradável e solitário, ao longo das incursões *in loco*, o verde vibrante do gramado apazigua e contrasta a visão do cerco de carros existentes em todas as direções dos arredores no ambiente. Postes, palmeiras e mangueiras são a principal característica de verticalização no interior da praça.

Ao todo foram contabilizados 24 bancos disponíveis na praça, mas poucas pessoas foram vistas utilizando o equipamento urbano. Percebi que onde havia mais sombra pela arborização, mais pessoas se concentravam. Não coincidentemente, nesses espaços, as

barracas onde existe a venda de água de coco se instalaram, contornando as duas frentes da praça que compreendem a Rua Siqueira Mendes.

Figura 4 - Mapa de ocupação da Praça Frei Caetano Brandão.



Fonte: A autora, 2025.

O desenho caminhável da praça se assemelha a uma mandala com contornos orgânicos, de forma concêntrica irradia de seu centro, onde se localiza a estátua de Frei Caetano Brandão, até suas extremidades. Percebeu-se que aos sábados, pela manhã, o miolo da praça quase não obteve visitantes. Entretanto, aos domingos, devido a programação da Igreja da Sé, algumas barracas com venda de quitutes e de artigos religiosos eram agregando um público no ponto em questão, situado a praça, mas defronte a entrada da igreja.

Figura 5 - Praça Frei Caetano Brandão, Belém-PA.



Fonte: A autora, 2024.

O percurso de caminhar e absorver o clima e as percepções que percorrem os caminhos circunscritos na praça foi sensorialmente multifacetado, tendo a predominância de percepções em alguns sentidos específicos. Iniciando pela a visão, o contraste de cores da natureza verde envolvente da praça, os tons dos carros e o branco da Igreja e do Museu de Arte Sacra transformaram o percurso em uma atividade apreciativa apaziguante, assim como nas visadas que me permitiam ver o Recanto das Amazonas e o horizonte aberto atrás das barracas de venda de coco existente no lugar. Os sons percebidos variaram entre o barulho dos motores dos carros e conversas esporádicas das pessoas nas barracas, tanto de fregueses quanto dos profissionais, ouvia-se também o som do vento movimentando as folhas dos arbustos e das árvores existentes.

Por fim, o sensorial tátil do vento apaziguando o calor, do calor do sol desconfortável ao caminhar e do alívio dos pontos sombreados compuseram as impressões obtidas nas caminhadas empreendidas.

Essas percepções, quando articuladas às vozes dos usuários da praça, permitiram compreender diferentes graus de pertencimento e uso, evidenciando ambiguidades entre o que se configura como ‘lugar’ e o que se aproxima de um ‘não lugar’

6. Entre relações teóricas e dados: interpretações críticas

Essa análise, quando voltada para um micro espaço, como a praça Frei Caetano Brandão, consegue dar um diagnóstico enquadrada em sua teoria de lugar identificado como ‘fechado’ por sua aparente identidade restrita de praça anexa a grandes edificações herdadas da Belém colonizada. Analisar essa dinâmica auxilia na leitura espacial e na compreensão de como o contexto se mostra de forma mais simplificada e a partir dessa compreensão, pode-se considerar novas possibilidades sobre o lugar.

Ao mergulhar no pensamento de Marc Augé (1992), o antropólogo cunhou o termo Não Lugar, permitindo construir uma reflexão a respeito do termo e o diferenciá-lo do que pode ser considerado, então, como Lugar. “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não lugar.” (Augé, 2009, p. 67). Partindo, então, do termo “Não Lugar”, Augé o referencia tratando a lugares transitórios, que não possuem carga de afetividade e pertencimento dos indivíduos, funcionando, então como um lugar de passagem ou de curta permanência. À exemplo do antropólogo podemos citar um quarto de hotel como um não lugar, visto que este não possui um pertencimento singular a um indivíduo ou grupo de pessoas, e sim como um espaço curta permanência, utilizado por pessoas diferentes em um determinado tempo de agregação, não expressando pertencimento, cultura ou marcas pessoais.

Em contrapartida, no limiar do conceito de “Não Lugar”, temos o oposto, então, sendo considerado como “Lugar” todo espaço constituído de relação identitária, permanente e efetiva com os usuários, uma vez que o lugar carrega o afeto e personalidade de cada indivíduo que o utiliza ou vivencia de maneira não provisória. Neste ponto de vista, uma casa, por exemplo, pode ser considerada como um Lugar, visto que, uma pessoa ou um grupo de pessoas fazem uso constante exprimem suas identidades, estilos, gostos e formas de experienciar esse espaço transmitindo sua marca pessoal.

Ao voltarmos o olhar à Praça Frei Caetano Brandão, sob o prisma do “Lugar” e “Não Lugar” em Augé (1992), nos deparamos com uma categorização deste espaço representada pela díade dos termos, uma vez que, partindo do ponto de vista dos diferentes usuários, podemos relacioná-la de ambas a formas, entretanto, por o espaço em questão ser de

importância histórica para o urbanismo e história da capital paraense, não é possível classificá-la de ambas as formas.

À priori, ao olharmos a praça do ponto de vista dos transeuntes e ou prováveis e casuais usuários, relacionamos a praça enquanto um “não lugar”, olhando pelo prisma do espaço caracterizado como um lugar de passagem, de curta permanência ou breve uso por essa categoria de pessoas, conforme citado por Lourinho (2024):

“(…)Os arredores da praça funcionam somente como estacionamento para o público que frequenta a igreja e/ou proximidades, e também alojam as barracas dos vendedores de água de coco, que ficam distribuídos pelos arredores e usam das calçadas para espalharem as cadeiras para os clientes que eventualmente desejem sentar. Assim, vemos que a Praça Frei Caetano Brandão, dentro deste contexto, funciona como um não lugar, sendo apenas um lugar de passagem para os usuários da Igreja da Sé, que se refugiam em outras alternativas de lazer próximas, mas que, dentro deste contexto, exercem influência e atrativo para que os frequentadores do templo escolham ir/retornar ao local aos domingos.” (Lourinho, 2024. p. 58)

Ao mesmo tempo, ao nos depararmos com os trabalhadores que estão posicionados em suas barracas inscritas nas extremidades da praça, como os vendedores de gêneros alimentícios como água de coco e afins, temos um olhar de indivíduos que vivenciam este espaço diariamente, através do seu trabalho e das relações que se estabelecem entre este grupo, sendo assim, a partir desta ótica, a praça pode ser considerada um “Lugar”, por carregar identificação e pertencimento a este seletivo grupo de usuários que fazem daquele local uma vivência cotidiana e relacional.

Desta forma, vemos que determinados espaços, sejam públicos ou privados, podem ser carregados de diferentes expressividades partindo do ponto de vista que seja analisado. Sendo assim, pode-se compreender os diferentes pontos de vista que causam percepções subjetivas a partir da experiência com a ambiência do espaço que poderá tornar-se como lugar ou não lugar.

Para recolher os dados quali-quantitativos da pesquisa, foi aplicado um questionário online respondido por estudantes universitários de entre 17 e 30 anos que responderam perguntas objetivas e discursivas, além de conversas com transeuntes. Dentre a amostragem de resultados obtidos na pesquisa, identificou-se que padrões de percepção diferentes de acordo com o tipo de relação que os indivíduos têm com a praça, sendo eles divididos em dois

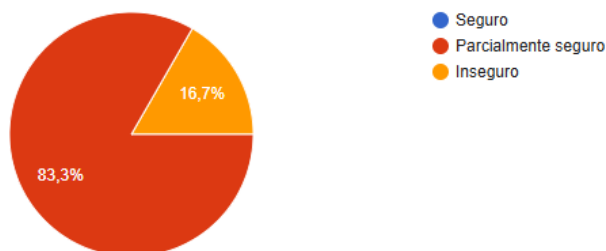
grupos, o primeiro de pessoas que trabalham na praça e o segundo de pessoas que eventualmente passam por ela.

Figura 6: Com qual objetivo você frequenta a praça?



Fonte:Google Planilhas (A autora)

Figura 7: Como você se sente com relação ao entorno da praça?



Fonte:Google Planilhas (A autora)

As perguntas abertas geraram questionamentos e abriram caminhos para discussões, dentre elas, uma vertente quanto aos aspectos físicos, como a pontuação da necessidade de um coreto, mobiliário arquitetônico pontuado por um dos entrevistados que trabalha em frente a praça; outra, tornou-se clara a partir das opiniões públicas quanto ao imaginário idealizado para viabilizar um ambiente mais seguro para a PFCB, como a sugestão da criação de um posto policial além de uma maior arborização dos canteiros.

O primeiro perfil de usuários, os que exercem uma atividade laboral com o intuito de obter o sustento próprio na praça, em sua maioria vendedores ambulantes de água de coco e de alimentos, 100 % acreditam que a praça é um lugar agradável, seguro e bem frequentado, com exceção de alguns pontuais momentos em que grupos de adictos ocupam o território, mas que são rapidamente dispersos pelo policiamento que constantemente ronda a praça. Outros dados obtidos foram os de que 80% dos entrevistados trabalham na praça a mais de 10 anos, ou seja, por meio desse extenso período de tempo, analisa-se a solidez da impressão deixada pelo ambiente.

Desse modo, entre a parcela de público que não trabalha na praça, mas que eventualmente passa por ela, os resultados da pesquisa foram bem distintos. Segundo a pesquisa quanti-qualitativa, 90% dos frequentadores são estudantes de nível superior e 10% dos entrevistados eram profissionais com formação superior completa; 60% do público era feminino e 40% do público era masculino; 100% passou pela praça como meio de acesso aos prédios dos arredores e 100% também alegou frequentar de forma esporádica somente os ambiente dos arredores em questão; por fim, cerca de 83,3% dos entrevistados diz sentir-se parcialmente seguros na praça e os 16,7% restantes alegaram sentirem-se inseguros.

Por fim, a leitura sensível e crítica da praça evidencia que as ambiências urbanas resultam tanto de condições físicas e sociais quanto da forma como os corpos habitam o espaço. O desafio, então, é transformar o patrimônio histórico em espaço de experiência cotidiana.

7. Considerações finais

Os resultados do presente artigo foram a contextualização do conceito de ambiências, a revisitação das características competentes a memória do lugar, além do diagnóstico das ambiências existentes na praça na Praça Frei Caetano Brandão entre os anos de 2024 e 2025. Sob a consciência da relevância do endereço em que a praça está localizada para a cidade de Belém do Pará e pela pertinência do espaço em si, o tema da ambiência foi introduzido com o aporte teórico de um dos seus principais estudiosos, Jean Paul Thibaud.

Ademais, o tema foi relacionado com a teoria da topofilia, que versa, assim como a ambiência, sobre a relação do homem com o lugar, estando a topofilia, de certa maneira, inscrita dentro da análise delas. Além disso, para concluir o aprofundamento teórico, introduziu-se os estudos de Juhani Pallasmaa, que sinalizaram a importância das percepções e do conjunto de sentidos na apreensão do lugar arquitetônico.

Entendeu-se o contexto histórico de formação da praça, sendo revelada as características que a contemplam como um ponto de grande importância para a cidade, por sua história e entorno. Outrossim, com a redação acerca da experiência etnográfica feita na praça pela autora, foi possível captar e entender, com as paisagens existentes na praça, incluindo pontos geradores de conforto e desconforto, fazendo perceber como se dá a dinâmica de uma caminhada ao redor e dentro da praça.

Essa análise gira em torno de dois pontos principais, a conformação arquitetônica/paisagística da praça e o perfil de utilização desse espaço público pela população em geral. Sendo Belém uma cidade carente de espaços verdes, é lamentável perceber que a praça Frei Caetano Brandão, sendo uma das poucas praças existentes na cidade, não é absorvida por grande parcela da população como um lugar de contemplação e lazer pela maioria da população.

Conclui-se, portanto, que a ambiência é um reflexo da composição espacial, sensorial e social apreendida pelas pessoas, a particularidade do estudo segue em desenvolvimento por buscar contemplar ainda mais as nuances de análise que são úteis para uma percepção profunda do lugar, com o intuito de que ela vá além das superficialidades. Avaliar a experiência que as pessoas têm no tempo em que estão presentes da praça, perceber peculiaridades ambientais que geram conforto ou desconforto, pontos positivos e passíveis de aprimoramento quanto a disposição de mobiliário urbano, valorização da identidade do espaço visando o conforto e o bom aproveitamento do lugar, que gera atração e a incorporação do espaço na vida das pessoas, enriquecendo em usos e experiências tanto o lugar quanto a vida dos cidadãos que o frequentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Editora Papirus, 2003.

CAMPOS DE QUEIRÓS, Bartolomeu. Depoimento: Bartolomeu Campos de Queirós - Escritor. Belo Horizonte-MG: Circuito Liberdade, 16 fev. 2009. 1 vídeo (duração desconhecida). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VcRsJhNP4z0> . Acesso em: [09 de setembro de 2025].

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; SANTANA, Ethel Pinheiro; DA SILVA, Luis de Jesus; MIRANDA, Cybelle Miranda. Experiência do Lugar Arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências. Rio Books, 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio século xxi escolar: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. e ampl. do Minidicionário Aurélio. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

LOBO, M. A. A., Tourinho, H. L. Z., & Coelho, R. L. (2019). Avaliação do Uso de Praças em Áreas de Interesse Turístico: o caso do Centro Histórico de Belém, Pará. *Turismo E Sociedade*, 12(1). <https://doi.org/10.5380/tes.v12i1.67281>

MIRANDA, C. S. (2006). Cidade Velha E Feliz Lusitânia: Cenários Do Patrimônio Cultural Em Belém. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará. Belém.

MIRANDA, Cybelle Salvador; BELTRÃO, Jane Felipe; HENRIQUE, Márcio Couto; BESSA, Brena Tavares. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *Revista Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]), v. 22, n. 2, p. –, jan./abr. 2015.

PALLASMAA, Juhani. *Essencias*. Tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 201.

PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. Tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani. *Os Olhos da Pele: a Arquitetura e os Sentidos*. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SILVA, L. J. D. et al.(2021). Percepção do ambiente construído: por mais humanização em arquitetura e urbanismo. Paka-Tatu

SOARES, Elizabeth Nelo. Largos, coretos e praças de Belém =: the largos, bandstands and town squares of Belém. Brasília: Iphan, 2009. 172 p. (Roteiros do Patrimônio, 5). ISBN 9788573341164.

THIBAUD, Jean-Paul. Ambiência. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 13–25. ISBN 9788532656797.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. *Cadernos Proarq*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3–16, 2012. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/18>. Acesso em: [12 de agosto de 2025].

APÊNDICE 1 - PESQUISA - PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO

24/11/2025, 21:08

Pesquisa - Praça Frei Caetano Brandão - SiaLat

Pesquisa - Praça Frei Caetano Brandão - SiaLat

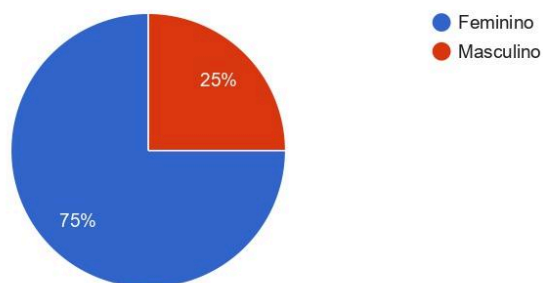
12 respostas

[Publicar análise](#)

Gênero

12 respostas

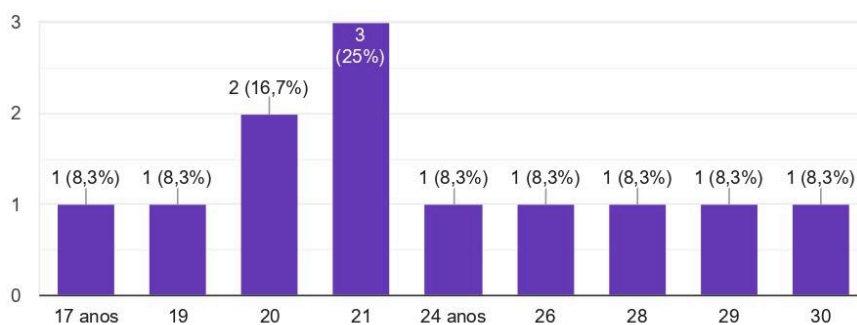
[Copiar](#)



Qual é a sua idade?

12 respostas

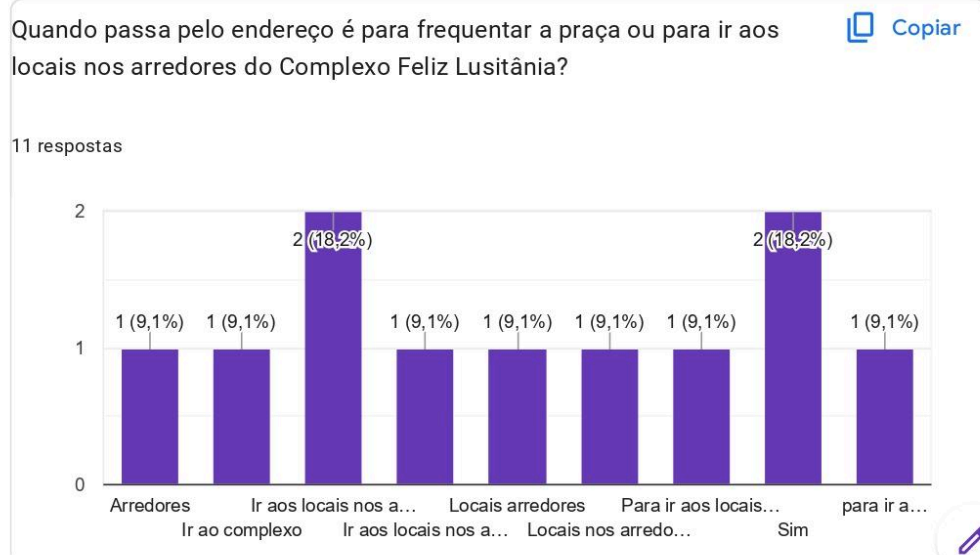
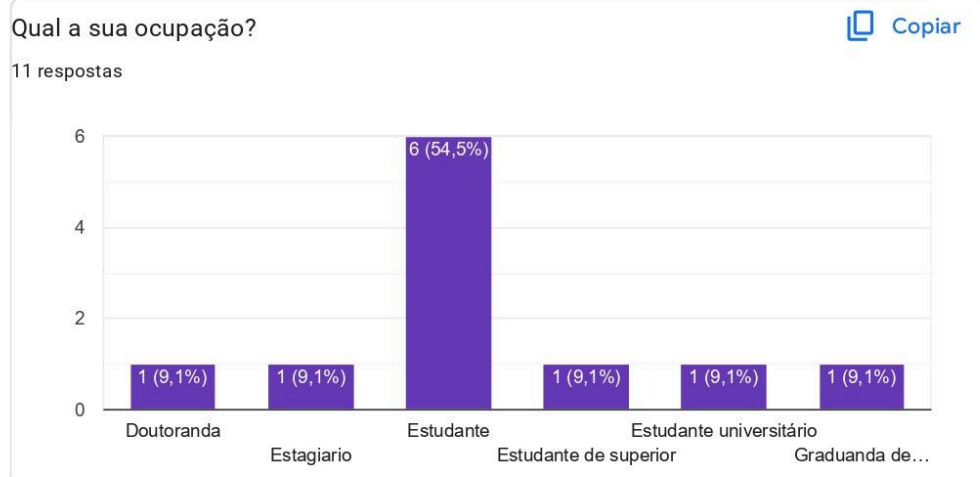
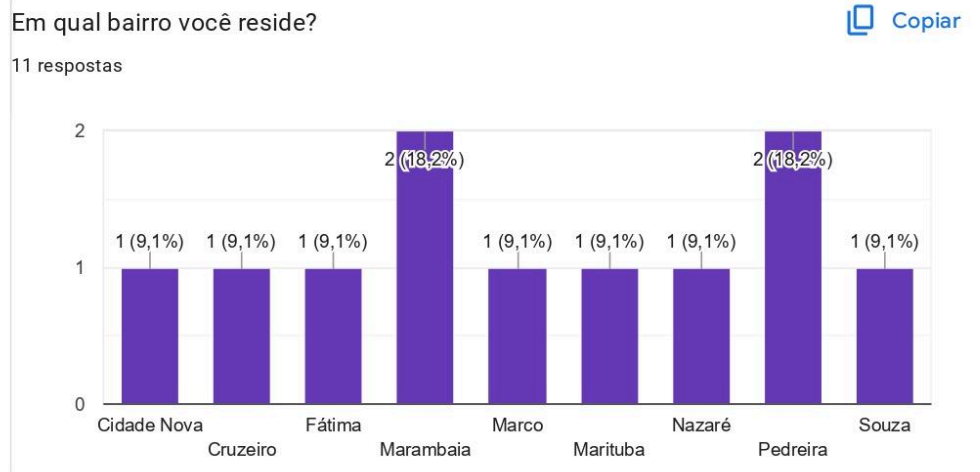
[Copiar](#)



APÊNDICE 1 - PESQUISA - PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO

24/11/2025, 21:08

Pesquisa - Praça Frei Caetano Brandão - SiaLat



APÊNDICE 1 - PESQUISA - PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO

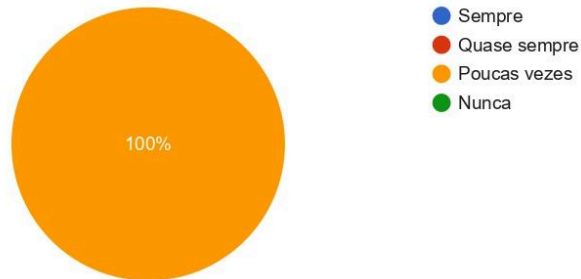
24/11/2025, 21:08

Pesquisa - Praça Frei Caetano Brandão - SiaLat

Com que frequência você costuma ir ou passar pela praça?

 Copiar

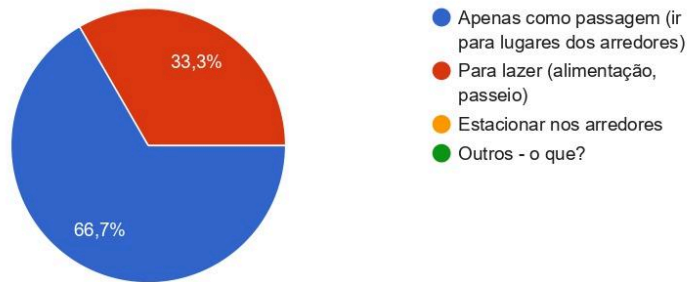
12 respostas



Com qual objetivo você frequenta a praça?

 Copiar

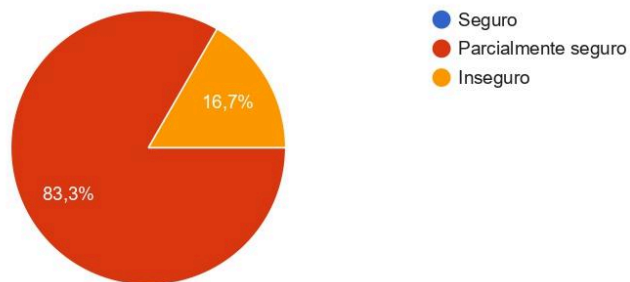
12 respostas



Como você se sente com relação ao entorno da praça?

 Copiar

12 respostas



APÊNDICE 1 - PESQUISA - PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO

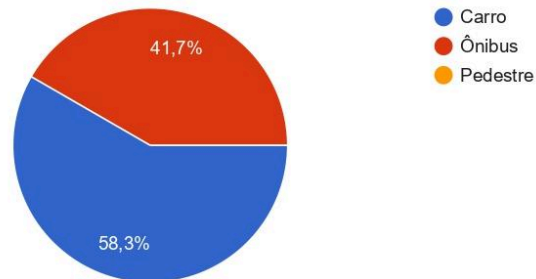
24/11/2025, 21:08

Pesquisa - Praça Frei Caetano Brandão - SiaLat

Qual o meio de transporte você utilizou para chegar até aqui?

 Copiar

12 respostas



Como você se sente vivenciando o ambiente da praça? Quais as sensações despertadas?

10 respostas

É uma praça bonita, mas não é atrativa a sua permanência.

Sinto-me feliz por ter a oportunidade de me conectar com o centro histórico de nossa cidade

É uma praça bonita e bem cuidada, porém vazia, causando desconforto pela insegurança da solidão

Como a praça é um lugar de passagem para mim, minha experiência com o espaço não é perene. Ela acaba se tornando um ambiente de contemplação, compondo a paisagem do entorno. A praça me provoca tranquilidade e paz, além de segurança - a depender do horário e da movimentação.

Nostalgia, alegria, festa, carnaval, paz

Pouca segurança e pouca fiscalização principalmente por seus arredores possuírem muitos usuários de drogas

Nostalgia, calma porém um pequeno estado de alerta por conta da pouca movimentação

É um lugar calmo.

Como se eu estivesse presenciando algo, principalmente quando olho para os edifícios históricos sinto que estou viajando mentalmente. Entusiasmada, Alegre e Satisfatório

Me sinto nostálgico, como se remetesse há um tempo que já passou



APÊNDICE 1 - PESQUISA - PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO

24/11/2025, 21:08

Pesquisa - Praça Frei Caetano Brandão - SiaLat

Na sua opinião, haveria alguma melhoria a ser feita na praça ou você se sente satisfeito/a como ela é?

10 respostas

Acho que adicionar mais quiosques de alimentação/lazer e postos policiais ajudaria. Além de atividades culturais também.

Acredito que não

Ela precisa ter algo que mantenha o transeunte nela, para que não seja apenas uma circulação

Uma maior ocupação de serviços e lazer seria interessante para trazer à praça o caráter de equipamento público, além de um policiamento mais regular do perímetro.

Melhoria de proteção e locomoção para todas as idades, a praça precisa ser organizada e continuar bonita

Poderia haver mais não sei informar

Acredito que a praça em si seja bonita e numa localização agradável, porém os problemas em relação a sensação de segurança são muito mais ligados à outros fatores de furtos e assaltos de pessoas que andam de outras áreas até ali. Promover programações públicas e convidar as pessoas para ocupar a praça talvez aumentasse o interesse geral para frequentar mais assiduamente e diminuísse a sensação de que a mesma está sempre "deserta"

Queria que fosse mais segura.

Até o momento que fui me sinto satisfeita

Lugares com mais sombra, e pontos de venda de lanche

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Entre em contato com o proprietário do formulário - Termos de Serviço - Política de Privacidade](#)

Este formulário parece suspeito? [Denunciar](#)

Google Formulários

